

SEMANA

47

1 Dia

| João 2.7-11

O que Você tem Feito Ultimamente

*Todavia, vos escrevo novo mandamento, aquilo que
é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão
dissipando e a verdadeira luz já brilha.*

1 João 2

Cheguei a um posto de gasolina quase sem combustível. Vendo aproximar-se o empregado, abri a janela do carro e disse: - Encha o tanque!

O homem olhou para mim como que me reconhecendo. Depois de ligar a bomba, ele limpou o para-brisa. Percebi que ele continuava a olhar para mim, fazendo um esforço a fim de descobrir onde já me havia visto. Tentando ser amável, sorri. Ele retribuiu o sorriso com um olhar interrogador. Enchido o tanque, ele veio receber.

- Eu o conheço. Não me diga; deixe-me adivinhar. Você é artista de cinema, certo? Ou de televisão?

E então, com a familiaridade de fã de herói de cinema, ele começou a me contar que tinha certeza de já ter botado gasolina no carro de uma famosa personalidade do mundo das diversões. Finalmente ele disse:

- Ora, vamos, diga-me seu nome. Estou certo de já tê-lo visto no cinema ou na televisão. Disse-lhe meu nome e apresentei-lhe minha esposa.

- Lloyd Ogilvie! - exclamou ele, como se acabasse de ser apresentado a Jimmy Stewart. Ele não se recordava de meu nome, mas ainda estava certo de que eu era um astro do cinema.

- Muito prazer em conhecê-lo! - disse ele. - O que você tem feito ultimamente?

Ele esperava que eu lhe contasse a história de um grande contrato. Fui tentado a dizer-lhe que estava entre dois filmes. Venceu a honestidade.

- Estou entre dois sermões! - respondi, com uma ponta de humor na voz. Mas quantia alguma de explicação parecia persuadir meu amigo. Até mesmo o convite para assistir a um culto em minha igreja não foi suficiente para quebrar o feitiço do amante de cinema. Até hoje ele provavelmente esteja a se divertir com o astro incógnito que tentou passar por clérigo.

Ao sair, o tanque de meu carro estava cheio de gasolina e minha mente repleta com a pergunta dele: *"O que você tem feito ultimamente?"*. Isso deu início a um bom inventário. Motivou-me a pensar em minha vida e no que eu estava realizando em tudo o que faço.

O apóstolo João deu à igreja primitiva uma base para tal avaliação. O propósito de sua carta foi lembrá-los do mandamento básico de Cristo: *“Amados, não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual desde o princípio tivestes. Esse mandamento antigo é a palavra que ouvistes. Todavia, vos escrevo novo mandamento, aquilo que é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão dissipando e a verdadeira luz já brilha”*.

João está pensando no mandamento de Jesus em João 13.34 e 35: *“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros”*.

O mandamento era antigo e, contudo, muito novo. Pode ser encontrado em Levítico 19.18: *“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”*. Jesus fez dele a base de uma nova vida no reino de Deus. Ele o transformou em novo mandamento no fato de que ele realmente chamou as pessoas a vivê-lo. Sua vida toda o encarnou.

Os cristãos aos quais João escreveu tinham ouvido o mandamento desde o primeiro dia em que aprenderam de Jesus Cristo e do evangelho. De modo que, nesse sentido, não era novo. A palavra que o apóstolo usou para novo é um termo que se refere à qualidade em vez de cronologia ou quantidade. O mandamento era qualitativamente novo em que a lei do Antigo Testamento, reafirmada pela mensagem e vida de Jesus, é constantemente nova para o crente. Nunca ultrapassamos o mandamento. Ele se torna novo toda vez que permitimos que seu prumo desafiador caia em nossos relacionamentos. A vida cristã é um milhão de novos começos instigados pelo desafio sempre novo de amar aos outros como Cristo nos amou. É verdade reorientadora em meio ao conflito. É nosso mandato quando lidamos com pessoas difíceis e impossíveis. Entretanto, por mais que fiquemos magoados ou desapontados com elas, o mandamento se torna o novo mandamento de Cristo acerca do que devemos fazer.

A diferença está na prática do amor. O mandamento de Levítico estivera em vigor por centenas de anos. Era repetido com regularidade ritual, transformando o fulgor da vida em ossos secos de palavras sem ação. Jesus praticou o mandamento. Ele redefiniu o significado de próximo como de todo o povo de Deus e esclareceu amor como não conhecendo limites. Ele amou a judeus e a samaritanos com a mesma intensidade. Seu amor se estendeu aos pecadores. Finalmente ele foi crucificado, não pelas palavras que proferiu, mas pelo amor infatigável que expressou.

João chamou os cristãos de volta ao mandamento básico não como uma trivialidade adorável, mas como base para a ação e viver diários. É na prática do amor de alto preço que o mandamento se torna novo outra vez.

A caminho de casa, depois do acontecido no posto de gasolina, naquela noite, tentando avaliar o que eu tinha feito ultimamente, tornei-me cômico das pessoas que necessitavam de meu amor. Nem todas são fáceis de amar. Algumas tornam o amor quase impossível. As palavras do Senhor trovejavam em minha alma: *“Ama com o mesmo amor que te amei”*. Quantas vezes eu tinha aprendido isso! Contudo, as palavras eram ordens novas do Mestre para o dia seguinte.

A verdade não é uma proposição que deve ser assimilada pela mente apenas; é algo para ser vivido. Alfred North Whitehead disse: “*Verdade é a correspondência da aparência com a realidade*”. É quando o que parece ser é visto à luz da realidade. Cristo é realidade para nós, o teste final do que cremos e praticamos. É isso que João quer dizer quando afirma: “*As trevas se vão dissipando e a verdadeira luz já brilha*”.

O antigo mandamento se torna novo todas as vezes que vemos a verdade de Cristo penetrar as trevas do prejuízo e do preconceito. Na luz, vemos as pessoas pelo que são em sua necessidade. Ao dissiparem-se as trevas, a realidade do indivíduo fica exposta e, novamente, somos desafiados a praticar o amor.

Para João, luz é igual a amor, e trevas equivalem a ódio. A aurora já raiou em Jesus Cristo e as trevas já se vão dissipando. Isso é verdade mediante os fatos históricos do advento, da encarnação e da vitória da ressurreição, mas também é verdade para cada um de nós hoje à medida que Cristo traz a aurora a cada situação perplexa e a cada pessoa problemática. A noite de nossa percepção se vai e a Estrela da Manhã nasce no horizonte de nossas mentes. Quando o Filho de Deus desfaz a noite com a aurora da verdade, podemos ver qual a coisa amável que precisa ser feita e podemos fazê-la mediante seu poder em nós.

As palavras da epístola são agudas e alarmantes: “*Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora está nas trevas*”. A afirmação de estarmos na luz é contraditada sempre que odiamos alguém. O ódio é simbolizado pelas trevas. Todo o que odeia vive nas trevas.

Tudo isto seria admoestação generalizada se não fosse pela palavra especial que João usa como sujeito tanto do amor quanto do ódio. Ele se refere mais que a pessoas em geral, ele usa a palavra adelphon – “*irmãos*”, companheiros de fé em Cristo.

Isto nos desperta para o significado mais profundo da passagem; João, na verdade, lidava com o problema de os cristãos odiarem uns aos outros na igreja. Como podia ser isso? Antes que estalemos os lábios em consternação, precisamos dar uma olhada nos relacionamentos de alguns cristãos hoje e, depois, em nossos próprios ódios.

Ódio é uma palavra forte. A palavra grega usada para ódio nesta passagem significa inimizade, hostilidade, animosidade e preconceito. A história diversificada do Cristianismo impede que sejamos demasiadamente críticos dos cristãos a quem a epístola foi dirigida. Tudo o que temos de fazer é folhear as páginas do desenvolvimento da igreja cristã para vermos que o antigo problema ainda está presente. Os conflitos entre católicos e protestantes e as lutas entre as muitas denominações do protestantismo não são agradáveis de revisar. Depois olhamos para as facções de qualquer congregação local. A carta de João podia ter sido escrita para nós!

Mas sejamos pessoais. Esta devocional é entre mim e você. Começamos com um compromisso de sermos honestos um com o outro à medida que coloquemos em ordem as implicações das epístolas de João. A quem dos irmãos em Cristo odiamos? Minha primeira reação a essa pergunta é retroceder. Depois, quando o protesto se acalma, percebo que, para mim, ódio é uma ausência de amor ativo. Há pessoas que me magoaram e me maltrataram. Todo líder é um alvo móvel para críticas e juízos. Continuo dizer a mim mesmo que não

podemos agradar a todas as pessoas o tempo todo. Mas quando alguém o toma como o alvo de sua raiva vitriólica, nosso desejo é retribuir o fogo com um tiro duplo. Muito do que as pessoas fazem é causado pelo que lhes vai no íntimo. Muitas vezes, não fomos nós a causa original da perturbação, mas acendemos o pavio do barril de pólvora de suas emoções. Quando fazem ou dizem coisa odiosa tenho a tentação de cortá-las e deixá-las ferver, encarceradas em sua própria prisão. Mas o que elas precisam é de amor e não da retribuição de ódio.

À medida que escrevo, tento ser tão incisivo comigo mesmo como espero que você o seja ao lê-lo: há alguém a quem odeio? A palavra fere. Não quero usá-la. Todavia, muitos dos sinônimos de ódio me ajudam a compreender a implicação que tem para mim o desafio de João. Descubro que há pessoas que conservo à distância ou com quem evito contato por causa de meus sentimentos pelo que disseram ou fizeram contra mim. Posso me esconder na indignação santa, afirmando que não fui eu quem iniciou a hostilidade ou aversão. Meu problema é minha reação. A inimizade é cancerosa. Gera sua própria espécie. O que o Senhor colocou em meu coração é a necessidade de me tornar na pessoa capaz de retribuir ódio com amor em vez de ódio com ódio.

Como sente você se à vista do que acabo de escrever? Consegue se identificar? Há pessoas em sua vida que o rebaixaram ao nível das trevas em que vivem? Luz e trevas são igualmente contagiosas. Pode você pensar em alguém a quem preferiria não mais ver? E os sentimentos que se levantam dentro de você ao pensar em certas pessoas ou se encontrar com elas? Quem são os adelphon, os irmãos em Cristo, com quem diferenças, conflito e competição têm causado a ruptura de relacionamento? Sei o que você sente. Não é agradável quando alguém mexe com nossos sentimentos sublimados e reprimidos. Alguns talvez desejassem ter pulado este capítulo. Preferimos cuidar de nossas feridas sozinhos, justificados por nossa percepção das pessoas que puderam contradizer o quadro que temos de nós mesmos como gente amorosa, perdoadora e graciosa.

Em todo relacionamento no qual o amor foi distorcido, descubro que o Senhor está me dando algo para fazer. Uma carta, um telefonema, um ato de participação em amor - cada um perfeitamente de acordo com a pessoa - torna-se claro.

Minha habilidade de permanecer na luz está em jogo. Seria tão fácil fugir do desafio, corrigir o Senhor dizendo que sou vítima do pensamento confuso ou da imaturidade de outros. Ele não se deixa impressionar.

Continuando a ler a passagem, percebo o quão crucial nossa conversa neste capítulo é para você e para mim. *“Aquele que ama a seu irmão, permanece na luz e nele não há nenhum tropeço”*. A palavra tropeço no grego é skandalon. É metáfora bíblica de uma pedra saliente que faz tropeçar o viajante. Jesus usou a palavra de duas maneiras. Ele falou de si mesmo como um skandalon para os que são autojustificados. Ele também usou o termo para significar tudo o que fizesse alguém tropeçar ao segui-lo.

Nesta passagem, os dois usos se misturam. O ódio aos irmãos crentes é uma pedra de tropeço. Essas pessoas se transformam na causa que nos leva a tropeçar em nossos passos no crescimento como discípulos de Cristo. Mas o Senhor nos disse que se encontraria conosco nos

perdidos, nos solitários e nos encarcerados. As pessoas que nos perturbam e nos incomodam são colocadas em nosso caminho pelo próprio Cristo para que nós as amemos no poder de seu amor. Se recusarmos, tropeçamos no próprio Senhor.

As trevas da animosidade tornam o caminho traiçoeiro, mas a luz de Cristo transforma as pedras de tropeço em calçada. Quando pedimos ao Senhor a estratégia específica para a prática do amor em cada relacionamento perturbado, ele ilumina a pessoa de modo que possamos ver não um inimigo, mas alguém em desesperada necessidade de cura e de esperança. Ele nos mostra a causa interior do problema, além da palavra ou ação que nos fez sentir hostilidade. Aquilo que ele nos mandar dizer especificamente tocará o nível mais profundo.

Descubro que é bom fixarmos um limite de tempo para nosso ato de reconciliação. Quando poderemos executar esse ato de amor? Defina-o com cuidado. No fim do dia ou na próxima semana o Senhor esperará com a mesma pergunta perturbadora: *“O que você tem feito, não apenas ultimamente, mas quando me disse que o faria?”*.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

2 Dia

| João 2.12-14

Sempre Começando...

“ Filhinhos, eu vos escrevo... Pais...Jovens

1 João 2.12-13

Fases da vida – começando, constantemente aventurando-se, para sempre seguro - todos nós passamos por elas. Alguém disse haver quatro fases na vida: infância, juventude, idade adulta jovem e “*you have a wonderful appearance*”. Sabemos que atingimos a meia-idade ou a passamos quando as pessoas nos cumprimentam com: “*You have a wonderful appearance*” em vez de “*hello*”. O comentário ambíguo pode cobrir uma multidão de rugas e de cabelos brancos.

Não é fácil poder desfrutar da fase da vida na qual nos encontramos. Grande parte da vida é vivida em antecipação da fase seguinte. Diz-nos a psiquiatria que se pularmos um período de crescimento e experiência natural, gastaremos o resto de nossa existência tentando recapturá-lo. A popularidade dos livros de “*transições*” indica que todos ansiamos compreender por que reagimos do modo como o fazemos em cada fase de nosso desenvolvimento como seres humanos. Há aqueles de nós que são velhos na atitude e reação muito antes do tempo e outros que nunca crescem. Ser maduro durante nossos anos de crescimento e viavelmente jovens à medida que envelhecemos é o desafio de um viver venturoso. João escreveu a três grupos de cristãos nas igrejas da Ásia.

Ele se dirigiu aos filhinhos, aos jovens e aos pais. A ênfase costumeira de interpretação desta passagem é que João escreveu a três grupos distintos. Desejo mudar um pouco as velas, a fim de apanhar os ventos do Espírito acerca desta passagem.

Toda congregação tem bebês recém-nascidos em Cristo; tem os que são crentes cheios de energia, que crescem, e outros que são santos de Deus, maduros e experimentados. A tragédia é que perdemos a melhor parte destas três fases. Com frequência perdemos a alegria e o calor dinâmico da primeira experiência de sermos amados como somos. Lembra-se de quando você experimentou, pela primeira vez, a alegria de se apaixonar por Jesus Cristo? Quão facilmente o deleite do novo nascimento se perde na rotina das atividades da igreja e no Cristianismo tradicional.

Mas a experiência do crescimento em Cristo não é menos satisfatória. A entrega despreocupada e ousada de seguir a Cristo a qualquer preço deve ser a experiência cristã de todos os dias até morrermos. Há uma qualidade de discipulado que leva o Mestre a sério. Desejamos segui-lo e comunicar seu amor a outros. E depois, o cristão verdadeiramente maduro, que conhece o Senhor com profundidade e sabe de experiência própria que ele é fiel em todas as circunstâncias da vida, é uma obra de Deus - linda de se contemplar e conhecer.

O desafio é conservar unidas a alegria de tornar-se cristão, a ousadia de crescer em Cristo e a profundidade experiente de uma personalidade madura sob o controle de Cristo.

Precisamos do melhor das três fases do crescimento cristão. João apresenta os ingredientes de cada uma delas como sendo básicos para a experiência de todos. Ele desejava que alguns crescessem; outros que conservassem o encanto da graça sempre recorrente e suave; e outros que dessem os passos seguintes para serem uma pessoa de Cristo.

Minha interpretação desta passagem segue de perto a de Agostinho e de outros. João procura captar os ingredientes básicos de cada fase do crescimento cristão e insta com os crentes a que jamais percam o melhor dos três.

A qualidade dos filhinhos na fé que jamais devemos perder é o perdão. *“Filhinhos, eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome”*. A experiência do perdão é o leite nutritivo para os novos bebês em Cristo. Somos libertos do pecado e do fracasso de nossa vida antiga. A aceitação por Deus, mediante Cristo e a cruz, ajuda-nos a apreender o fato espantoso de que o que era velho já passou e que fizemos um novo começo. Ainda posso lembrar-me do frescor e da liberdade que senti ao aceitar a Cristo como meu Salvador e entregar-lhe minha vida. Naquela noite, como calouro universitário, a vida começou para mim. Foi uma transição triunfal na qual me tornei novo homem em Cristo por meio do poder do perdão e da graça libertadora. Nunca era demais orar, ler as Escrituras e ter comunhão cristã. Cheio de ilimitado entusiasmo por Cristo, eu queria que o mundo todo conhecesse a alegria de ser uma nova pessoa em Cristo.

Não passou muito tempo até que a experiência de Cristo como Salvador transformou-se na chama do desafio de segui-lo como meu Senhor. Os bebês são adoráveis, mas seria uma monstruosa tragédia se a pessoa permanecesse bebê a vida toda. O mesmo é verdadeiro na vida cristã. O crescimento nas implicações do Senhorio de Cristo era exigente e, às vezes, doloroso. A emoção de ser um dos homens do Mestre também significava o preço de segui-lo. Ele realizava uma grande obra em mim. Minha mente teve de ser repadronizada de acordo com a sua; minhas emoções precisavam de cura e liberação; e a minha vontade tinha de aprender os caminhos da obediência.

Logo tive de enfrentar o poder do mal em mim, nos outros e no mundo. João compreendia o desafio das fases da adolescência e do jovem-adulto do crescimento em Cristo sem levar em consideração a idade em que somos *“nascidos de novo”*. *“Jovens, eu vos escrevo, porque tendes vencido o maligno.”* A inferência não é que a batalha já tenha terminado, mas que há provas específicas da vitória que devem trazer esperanças e vigor às lutas futuras. A forma verbal usada aqui, indicando a vitória completa depois do conflito, deve se referir à vitória de Cristo sobre Satanás na cruz. Apropriamo-nos dos recursos dessa vitória toda vez que confrontamos o mal em nós mesmos, nas pessoas e no mundo. Participamos de cada batalha com o conhecimento de que, se confiarmos em Cristo e no que ele realizou, nós também teremos a vitória.

A adolescência espiritual, a despeito de nossa idade cronológica, é parte necessária e inevitável do crescimento em Cristo. Realmente, ela jamais termina. Mas há uma atitude decisiva e indomável dos cristãos adolescentes que estão decididos a serem discípulos. Nada parece impossível. Quão rapidamente perdemos isso! O desejo vigilante de ser completamente uma pessoa de Cristo nos capacita a passar pelo período terapêutico e

recompensador do crescimento cristão. Nossas personalidades devem ser reformadas. Padrões de hábito devem desaparecer.

Modos de tratar as pessoas que as debilitam devem ser crucificados em nós. Recordações que nos assombram e ferem nosso viver ao máximo têm de ser curadas. O *“homem velho”* em nós deve ser purgado e purificado.

Satanás não se importa conosco enquanto não nos tornamos novas pessoas em Cristo. O cristão que cresce é alvo vulnerável a seus ataques negativos e humilhantes. O maligno não desiste de nós facilmente. Ele é o motivador da dúvida, da tibieza de nossos compromissos e da resistência de nosso chamado, a fim de sermos para os outros o que Cristo tem sido para nós. A batalha continua. A única maneira de ganhá-la é nos aprofundarmos em nosso relacionamento com Cristo. A mão de Jesus é mais poderosa que a virulência insidiosa de Satanás. Pertencemos a Cristo e Ele não nos desampará. É essa a fonte de nossa vitória em cada novo conflito, à medida que procuramos ser tudo o que o nosso Senhor nos criou e nos chamou para ser.

O perigo é que somos tentados a pensar que os anos de crescimento de nossa vida cristã podem ter fim. Nosso Senhor opera nos ajudando a ser pioneiros ao longo de todos os anos de nossa existência. Somos chamados a ser seguidores de Cristo venturosos, vigorosos, ousados, com a atitude de *“o melhor ainda está por vir”* até o final.

Abraham Lincoln disse que toda pessoa com mais de quarenta anos de idade é responsável por seu próprio rosto. Isso é verdade com relação aos maduros fisicamente. É também verdade com referência à nossa vida espiritual. Somos responsáveis pelo que fizermos com a oportunidade de estarmos com Cristo. No reino espiritual, nosso rosto é nossa personalidade. João se dirige aos pais: *“Pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio”*. Uma descrição oportuna da Palavra eterna e criadora de Deus. Cristo estava com Deus, veio de Deus e é a força inicial da nova criação. Aquele que é desde o início nos conserva fortes e flexíveis ao nos dar constantemente novos começos.

Ao que parece, o apóstolo espera haver um resultado discernível de conhecer a Cristo por meio dos anos. Isto nos força a indagar as maneiras pelas quais somos diferentes por causa da companhia com o Salvador mediante a agonia e alegria da vida. Paulo desafiou as pessoas a crescerem *“à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo o vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”* (Efésios 4.13-15). Maturidade em Cristo é se tornar igual a Cristo em pensamento, ação e reação.

A idade não assegura maturidade. Todos nós conhecemos cristãos que se aproximam da meia-idade ou já passam dela, que são infantis em Cristo. Alguns jamais passaram dos primeiros passos do crescimento cristão. Ainda lutam com questões rudimentares do Cristianismo. Certo pastor da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos reclamava de que tinha o maior rol do berço de sua denominação – a maioria de seus membros.

Não há nada mais desapontador do que a senilidade espiritual. Em vez das questões e desafios da vida adulta, a pessoa pode voltar ao obscurantismo infantil e simplista. Podemos nos especializar em coisas pequenas, aleijar o movimento da congregação local e ansiar pelos *“bons velhos tempos”*. O problema não existe apenas entre os cronologicamente idosos. Outro dia conversei com um cristão excêntrico, de vinte e sete anos de idade. Ele tinha sido crente por doze anos. Recusava-se a crescer emocional e espiritualmente. A falta de maturidade espiritual geralmente é expressa pela ausência de entusiasmo no novo cristão e pela ousadia no discípulo que cresce.

Sou muito grato a alguns membros e líderes de minha congregação que são maduros em anos e no caráter cristão. Uma longa vida em Cristo tem produzido uma combinação admirável de esperança irreprimível, abertura para tudo, discernimento temperado com amor e receptividade inclusiva a pessoas novas e ideias inovadoras. São exemplos para todos nós do que Cristo pode fazer com a pessoa que se entrega a ele por completo.

Sanford Marmaduke é uma fonte constante de afirmação e estímulo. Seu amor a Cristo, aprofundado pelos anos de estudo e oração, brilha radiosamente de seu rosto. Ele é pai e irmão do povo de Deus. Como ancião leigo da igreja, responsável pelos candidatos ao clero profissional, ele tem guiado várias centenas de homens e mulheres ao ministério criador. Perguntei a um antigo membro quando Sanford se transformou no cristão maduro que é. A resposta teria agradado ao apóstolo João. *“Ora, Sanford tem sido assim desde que o conheci, e isso já passa dos cinquenta anos. Acho que a pessoa não precisa ser velha para ser madura em Cristo!”*

William Barclay tem um sumário vital das fases que João apresenta do crescimento cristão. *“Todos os crentes são como criancinhas, pois todos podem recuperar sua inocência mediante o perdão de Cristo. Todos os cristãos são como pais; como homens crescidos e responsáveis, que podem pensar e aprender mais da profundidade e do conhecimento de Jesus Cristo. Todos os cristãos são jovens, com força gloriosa e vigorosa para lutar e ganhar suas batalhas contra o tentador e seu poder. Parece (...) que esse é, deveras, o significado mais amplo de João.”*

A vida cristã é um começo constante, sempre venturosa, para sempre segura. Compete a cada um de nós decidir onde nos encontramos nela. Alguns de nós podemos ainda ser bebês e precisar de crescimento. Outros se encontram no grosso da batalha na fidelidade e na obediência como discípulos de Cristo. Ainda outros desfrutam da segurança de terem chegado à maturidade em Cristo. Desejo conservar o melhor de todas as três fases para todos os anos. Se pudermos nunca perder a alegria inicial, sempre conservar o discipulado ousado e tornar-nos mais maduros todos os dias que tivermos o privilégio de viver, teremos a vida abundante que Cristo viveu e pela qual morreu e agora se encontra conosco a fim de torná-la o máximo.

A nova vida em Cristo será emocionante o tempo todo se o colocarmos em primeiro lugar em nossas vidas. Como fazê-lo é do que trata João a seguir.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

3

Dia

| João 2.15-17

Como Sobreviver Num Mundo Como Este

“Não ameis o mundo e nem as coisas que há no mundo.

Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.”

| João 2.15

Um dos desafios mais difíceis para o cristão é viver no mundo sem permitir que o mundo habite nele. Como podemos nós permanecer em união vital com Cristo e ainda estar sob as pressões do mundo? Não é fácil. O mundo tem seu próprio sistema de valores, sua ideia de sucesso e suas tentações sedutoras. Geraldine Farrar, ex-prima-dona do Metropolitan Opera afirmou com muita clareza: *“Tanta coisa pressiona os seres humanos hoje que não podem permanecer quietos o tempo suficiente para avaliar a vida. Engolem-na e não sentem o gosto de nada. Comem-na e não sentem o seu sabor”*.

O propósito deste capítulo é *“parar o tempo suficiente”* para avaliar nosso relacionamento com o mundo. Jesus disse que estaríamos no mundo, mas não seríamos dele. Nossa tarefa é compreender esse fato. Ou, nas palavras de Arlo Guthrie: *“Tenho de descobrir o que é meu e fazê-lo rapidamente!”*.

Segundo o conselho de Dietrich Bonhoeffer, devíamos descobrir um mundanismo santo, vivendo no mundo, mas como pessoas chamadas por Deus, escolhidas e cheias do Espírito. Nossa sobrevivência na desumanização distorcida do mundo depende disso. O Cristianismo não é *“uma virtude enclausura da”* que deva ser vivido em separação monástica e segura. *“Por mundanismo cristão”,* disse Bonhoeffer, *“quero dizer viver sem reservas nos deveres, problemas, sucessos e fracassos, experiências e perplexidades da vida. Ao fazer assim lançamo-nos sem reservas nos braços de Deus.”*

Nosso problema é a tentação de lançar a nós mesmos nos braços do mundo em vez de fazê-lo nos de Deus. Podemos ser capturados pelo mundo enquanto vivemos em suas perplexidades e problemas e podemos ser arrastados para sua medida de uma vida feliz. Todos nós vivemos em dois mundos – o mundo interior e o exterior. A pergunta é: como podemos permitir que o mundo interior de nosso relacionamento com Cristo dirija nossa atividade no mundo exterior? Justamente o oposto acontece a muitos cristãos. Os valores e propósitos do mundo exterior dominam sua habilidade de crescer em Cristo.

Prometemos honestidade mútua enquanto lidamos com questões espinhosas que nos atormentam. Como está sua fidelidade a Cristo no mundo? Em que áreas o mundo tem invadido seu pensar, planos e propósitos? Devo ser franco com você a respeito de minha vida. Moro numa boa casa, sirvo a uma grande igreja, trabalho em uma comunidade que ama o êxito a qualquer preço, sinto o mesmo chamado para a realização como qualquer pessoa e desejo desfrutar dos dias de minha vida como todos. Ora, como é que posso ganhar a vida, economizar e gastar como um fiel discípulo de Cristo? Quando é que a prosperidade nega o

poder de Cristo? Como é que meus desejos de ter êxito no mundo terminam com o mundo tendo êxito em mim?

Daley, ex-prefeito de Chicago, foi citado como dizendo: *“Movemo-nos de banalidades mais altas a banalidades mais elevadas”*. Não desejo fazer isso com você. Não precisamos de mais banalidades pias, mas de uma palavra clara acerca de amar mais a Deus do que amamos o mundo.

O problema não é peculiar a nosso século. O apóstolo João teve de lidar com ele a fim de ajudar os cristãos primitivos a viverem no mundo real. Não foi mais fácil então do que o é agora.

No início deste capítulo lemos as admoestações de João com respeito ao mundanismo santo. A tradução de J. B. Phillips, da mesma passagem, é muito útil: *“Nunca entreguem o coração a este mundo, nem a nada do que nele existe, pois ninguém pode amar o Pai e o mundo ao mesmo tempo. Quanto ao mundo, baseado como está nos baixos desejos do homem, nas ambições desmedidas e na fascinação de tudo o que brilha, de forma alguma deriva do Pai, mas do próprio mundo, que um dia desaparecerá com todas as suas paixões. Mas aquele que segue a vontade de Deus faz parte integrante do que é permanente e não pode morrer”*.

João nos confronta com o mundo - o que ele é em realidade, sem enfeites, e como viver nele com a integridade cristã.

A palavra que João usa para mundo é kosmos. É mais que o planeta em que existimos, mais que a natureza e a ordem criada da existência material. No termo do Novo Testamento, mundo tem inferência moral profunda. Implica a vida à parte de Deus. O mundo é qualquer pessoa, relacionamento, estrutura social, circunstâncias ou situações que não foram redimidas pelo juízo e pela graça de Deus. O mundo é a criação decaída em rebeldia contra Deus. E a humanidade que se esqueceu de Deus e de seu plano e propósito. Em forma unificada, o mundo é a sociedade independente de Deus, governo sem a linha do prumo de Deus da justiça e retidão, sistemas econômicos que não têm a soberania de Deus, indústrias e corporações sem interesse pelas pessoas ou pelos propósitos divinos. É este o mundo em que devemos viver nossa vida diária sem nos apaixonarmos por ele. O mundo, no sentido em que João usa a palavra, tem muito a oferecer. A paixão louca é um perigo constante. O romance com o mundo é alimentado pela possibilidade de uma espécie de reconhecimento, popularidade, êxito e prosperidade. Nas palavras de Jesus, podemos ganhar o mundo e perder a alma.

João nos apresenta o segredo de como viver no mundo sem que ele viva em nós. Seu primeiro conselho é: *“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo”*. João, espere um momento! Como é que isto se encaixa na afirmativa de Jesus referente ao propósito de sua vida? *“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”* (João 3.16-17).

Não há contradição alguma entre a admoestação de João e o amor encarnado de Deus. De fato, a maneira pela qual Deus amou o mundo é o modo pelo qual devemos viver no mundo como cristãos. Ele amou com independência e liberdade. Em ponto algum Jesus aderiu ao sistema de valores, à religião distorcida ou ao materialismo competitivo de seu tempo. Ele resistiu aos esforços de seus discípulos e dos líderes de Israel de torcer sua missão e dar sentido duplo à sua mensagem. O Senhor amou demais o mundo para isso. Ele veio chamar e reconciliar o mundo com Deus, chamar uma nova criação e liberar as pessoas para buscarem primeiro o reino de Deus no mundo. Esse reino é a regra de Deus nos corações das pessoas, entre elas e seus relacionamentos, e em suas responsabilidades para com a sociedade. Ele disse que o reino se encontra dentro de nós, entre nós e em poder total no mundo.

Agora podemos compreender o que João quis dizer. Como gente do reino, vivemos na história do mundo. Nosso amor e lealdade supremos são para Deus. Então podemos amar o mundo criativamente sem necessitarmos de seus louvores ou de sua riqueza. Quando amamos o mundo como Deus o amou em Cristo, recebemos ordens de cuidar das pessoas e introduzi-las à vida como esta devia ser em Cristo. Nossa perspectiva e nossas ambições mudam. Tendo as pessoas por foco de nosso interesse, podemos batalhar contra os falsos valores da sociedade e tudo quanto distorce e desumaniza as pessoas em seu propósito primário de conhecer e amar a Deus. Somos chamados para fora do mundo a fim de nos equiparmos para voltar a ele como homens e mulheres livres, capazes de amar o mundo com compaixão e sem comprometer nossas convicções.

A única maneira que conheço de podermos avaliar o tipo de amor que temos pelo mundo é fazer um inventário de nossos desejos dominantes. Qual é nosso propósito básico? Podemos escrevê-lo em trinta palavras ou menos? Podemos apoiar nossa definição pela maneira como vivemos? Perguntemos às pessoas que nos são mais íntimas no lar, no trabalho e onde gastamos nosso dinheiro. Todos nós oscilamos entre nosso amor a Deus e o tipo errado de amor dependente ao mundo.

João nos espanta com a necessidade de amar a Deus a tal ponto que seremos capazes de amar o mundo de maneira correta. *“Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.”*

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

4

Dia

| João 2.15-17

Como Sobreviver Num Mundo Como Este II

“Não ameis o mundo e nem as coisas que há no mundo.

Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.”

| João 2.15

São nos dados três testes práticos para nosso inventário das lealdades últimas pelas quais vivemos. A primeira é *“concupiscência da carne”*. Aqui, carne significa mais do que nossos corpos físicos ou expressão sexual. Carne é um termo bíblico para nossa humanidade. A concupiscência da carne simboliza a vida dominada pelos desejos, com pouco respeito por nós mesmos e por outras pessoas. É o comportamento infantil encontrado em muitos adultos que desejam o que desejam quando o desejam, a despeito do que possa fazer a nós e às pessoas que se encontram ao nosso redor. É quando o princípio do prazer é ativado pelo egoísmo e pela autossatisfação, usamos as pessoas como coisas.

O mundo que nos cerca não somente estimula a concupiscência da carne, mas a apresenta, empacota e a fornece. A melhor coisa é a que nos dá prazer. Impregna nosso sistema de valores. Podemos dizer que somos cristãos e, contudo, termos a vida dominada pelo desejo de posição e poder como fins em si mesmos. A pergunta constante para o cristão é: o que realmente desejo tirar da vida e o que está moldando meus valores?

A segunda indicação de que amamos o mundo mais do que a Deus é o que João chama de *“a concupiscência dos olhos”*. Isto é o que vemos, o que queremos e o que queremos que os outros vejam em nós. É o compromisso de toda uma vida à superfície altamente polida, sem levar em consideração o que nos vai por dentro – a ostentação do espetáculo externo em nossa própria feira de vaidade. A concupiscência dos olhos de que fala João é a incapacidade de ver alguém ou algo sem desejá-lo para nós mesmos como um símbolo de segurança. Mais, mais, mais! O clamor do coração faminto.

O ponto é que tentamos encher com coisas, pessoas e atividades o vazio que somente Deus pode preencher. Ansiamos o que é novo e diferente, contudo, terminamos velhos e sem mudança. Uma vez mais é ouvido o sinal de perigo para o cristão. Podemos atestar nossa crença em Cristo e deslocá-lo em nosso coração com substitutos que não satisfazem. Nada há errado com o dinheiro e com as coisas que ele pode comprar. O problema surge quando gastamos nossos poderes mentais, nossa energia física e nosso tempo criativo pensando e fazendo planos, manuseando e apegando-nos ao que temos acumulado. Tudo o que debilita nosso relacionamento primário com nosso Senhor e aleija o crescimento de nossa vida à sua imagem é expressão do tipo errado de amor ao mundo.

O terceiro teste que diz se o mundo invadiu nossa alma é o que João chama de *“soberba da vida”*. Um estudo destas palavras no texto grego é fascinante e apavorador. Soberba é alazoneia. Vem da raiz alazon, que significa estimulante. A soberba é como um

narcótico. É um falso alterador de humor, que estimula nossa autoimagem e um sedativo que anestesia uma aceitação honesta de nosso verdadeiro eu. A soberba produz uma alucinação ilusória de nós mesmos. A palavra que João usa para vida é bios - o aspecto externo da nossa natureza; não é zoe - o verdadeiro princípio de vida em nosso interior. A soberba da vida é o autoengrandecimento defensivo por qualidades ou habilidades de superfície, aparência ou comportamento.

A ambiência do mundo é competitiva e comparativa. A soberba se torna nossa defesa. Precisamos ser melhores, ter mais e realizar mais para estabilizar nosso ego. É, basicamente, uma falta de amor. Visto que não amamos a pessoa peculiar e especial que Deus fez de nós, fingimos nos proteger contra a angústia da insegurança.

Descobri que o único antídoto para a soberba é o louvor. A nova liberdade que estou experimentando é desfrutar do deleite dos dons e oportunidades que Deus me deu. Eu não poderia tomar um fôlego, pensar um pensamento, escrever ou falar uma frase, ou ser um líder eficaz sem a presença e poder de Deus. Tudo o que tenho e sou é resultado de sua bênção. Se ele é o autor de tudo, estou livre para desfrutar do fato de eu ser eu e ser usado como parte da estratégia do Senhor. Tudo o que ele nos concede deve ser usado para sua glória. Essa compreensão pode curar a soberba da vida. Jesus nos oferece vida abundante cheia de amor, perdão e alegria. Quando pertencemos a ele, a soberba é substituída por gratidão e celebração sem repreensão das capacidades, talentos e dons que nos confiou. Não precisamos do estímulo da soberba, pois ele geralmente nos deixa deprimidos quando o seu efeito acaba e nos encontramos a sós com a realidade. Não seremos como o homem descrito por Billy Sunday. Ele disse que o soberbo só tem a porta da frente: ao entrar, nos encontramos na porta do fundo.

Hora de exame pessoal novamente: há alguma evidência de soberba a indicar que um falso amor ao mundo chegou até nós? Amar a Deus mais do que ao mundo nos liberta para viver no mundo na suposta segurança dos recursos pessoais que ele nos deu. Nossa necessidade de aprovação será satisfeita pela confirmação do prazer de Deus em nós. Louvor, não soberba, é nossa resposta.

Finalmente João nos diz que o mundo não é digno de nosso supremo amor por ser transitório: *“Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente”*.

Alguém pichou num sinal de beco sem saída a pergunta: *“o que não é?”*. O mundo é um beco sem saída. Quando João nos lembra de que o mundo passa, ele está pensando na brevidade da vida de cada pessoa na terra e na instabilidade de tudo no decurso da história. O único aspecto eterno de nossa vida é a alma. Nosso modo de viver no mundo agora determina como e onde passaremos a eternidade.

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Senhor Deus, esta passagem bíblica nos desperta para as maneiras como podemos estar amando o mundo mais do que a ti. Mostra-nos os relacionamentos e as situações em que

temos introduzido os valores e prioridades do mundo. Revela-nos as áreas nas quais estamos em perigo. Obrigado por nos ajudar a ver que quanto mais te amamos, tanto mais estaremos livres para amar o mundo criativamente, sem sermos capturados por ele. Cura nossa soberba com o poder do louvor. Em nome de Jesus. Amém!"

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

5

Dia

| João 2.18

Como Estar Presente no Presente

“Filhinhos, já é a última hora.”

| João 2.18

Anseio por descobrir como viver plenamente em cada hora como se fossa minha última. Com muita frequência perco o gozo do presente por estar ruminando sobre o passado, ou prevendo problemas ou alegrias do futuro. Isso acontece com você? Suspeito que sim. Pode haver algum consolo para nós no fato de que muitos cristãos partilham de nosso problema da atenção errante.

Recentemente tomei parte numa discussão, com um grupo de amigos de confiança, acerca de áreas nas quais precisamos crescer como cristãos. Minha resposta foi imediata. Disse-lhes que eu precisava aprender a estar completamente presente no presente. Isso tocou um ponto nevrálgico nos outros. Descobriram que perdem muito do que Deus tem a oferecer em cada momento porque se distraem com o que poderia ter sido no passado ou correndo à frente para o que poderá acontecer no futuro. Todos nós rimos quando a conversa chegou a um dos homens, que disse: *“Sinto muito. Sobre o que estávamos falando? Acho que estava pensando em uma reunião importante que tenho esta noite depois da reunião deste grupo”*. Ele não estava presente em uma reunião que estivera falando do estar plenamente presente. Todos nós podemos compreendê-lo.

Há vezes em que estamos conversando e percebemos que perdemos o fio da meada. Muitas vezes, quando estamos com amigos ou com nossa família, descobrimos que as experiências por que passamos ou o que nos preocupa no dia seguinte impedem que os apreciemos com profundidade. Falhamos em atentar para o que as pessoas dizem com palavras ou mediante a linguagem corporal. É sempre chocante quando alguém nos diz que nos contou algo importante e não podemos lembrar. Algumas de nossas gafes mais sérias são o resultado de não apreendermos a significação do que nos estão dizendo ou do que acontece ao nosso redor.

Outro dia uma senhora confessou sua mágoa por causa da insensibilidade do marido. *“Tenho tentado lhe dizer, de milhões de maneiras, que me sinto solitária, mas ele é sempre tão distraído. Seria tão maravilhoso estar casada com a outra metade de meu esposo que nunca vem para casa com ele!”*

Compreendemos a crítica dessa senhora. Todos temos o mesmo problema com pessoas em nossas vidas. A tentação é de bater para ver se alguém ainda está aí. Mas nossa crítica se abranda quando compreendemos que muitas vezes deixamos uma parte de nossa mente em algum outro lugar quando nos encontramos com as pessoas.

Fazemos o mesmo com Deus. É um dos motivos pelos quais nossas orações não são eficazes. Não estamos presentes enquanto oramos. Nossa mente divaga sobre alguma

situação ou tensão não resolvida e de súbito despertamos para o fato de que estivemos falando com Deus usando frases familiares e corriqueiras, enquanto a pessoa real em nós se encontrava fora lutando com alguma frustração ou sendo excitada por alguma fantasia.

O problema se torna ainda mais sério quando pensamos na oração como uma conversa que dá fluxo à consciência por meio de todos os desafios, relacionamentos e oportunidades do dia. *“Orar sem cessar”* pode trazer excitação à vida cristã. Creio que ele tinha em mente mais do que o final do mundo. Os termos *“os últimos dias”* ou *“a última hora”* são usados para representar não apenas a finalização da história, mas também a confrontação de Deus numa época crítica da história.

No Antigo Testamento, os últimos dias significavam um tempo de bênção especial. No Gênesis identificam a época em que o povo de Israel entraria na Terra Prometida (Gênesis 49.1). Os profetas aguardaram uma época em que Deus reinaria supremo e seu povo ser-lhe-ia obediente. Até mesmo o assustador *“dia do Senhor”* com seu juízo e destruição previstos, seria o ponto demarcador do final de uma era de pecado e rebelião e o nascimento de uma nova era de alegria e paz.

A igreja cria que a era messiânica havia despontado na encarnação de Jesus Cristo. Os cristãos primitivos aguardavam com ansiedade a volta de Cristo, iminente, na sua segunda vinda. Quanto pior ficavam as coisas, tanto mais perto criam estar da volta do Senhor.

Nessa luz, podemos lidar com a referência de João, em nosso texto, aos últimos dias. Se presumirmos que ele quis dizer o final da história na época em que ele vivia, devemos admitir que seu cálculo estava errado. Muitos comentaristas usam este versículo a fim de declarar urgentemente que o fim do mundo está perto. Isso pode ser verdade, pois os sinais da culminação da história como a conhecemos estão espantosamente evidentes hoje. Nosso dever, porém, não é tentar determinar a hora do fim, mas realizar os fins de Deus em cada hora, estarmos completamente imersos na hora presente como se fosse a única. Ao fazermos isso podemos ser parte da nova era que Deus deseja introduzir em nossas vidas a cada instante. Ele está pronto a conceder um novo início cada vez que lhe entregarmos as antigas síndromes de fracasso e frustração. *“Eis que faço novas todas as coisas!”* É a promessa para qualquer hora que permitirmos que seja uma hora kairós.

Vá aos versículos 28 e 29 deste capítulo a fim de apanhar o impacto total do que João está dizendo acerca da última hora. *“Filhinhos, agora, pois, permaneço nele, para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e dele não nos afastemos envergonhados na sua vinda. Se sabeis que ele é justo, reconheci também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.”* Isso especifica como devemos viver ao máximo todas as horas. Eis a receita.

1. Preparação para a segunda vinda é experimentar a vinda de Cristo de hora em hora. Estaremos prontos se estivermos dispostos a recebê-lo agora. O intervalo entre o agora e o final de nossa vida ou a culminação da história pode ser cheio de comunhão de momento a momento.
2. Perdão de tudo que é passado nos capacita a estar livres para viver sem culpa ou remorso na hora presente. Não precisamos nos preocupar com a invasão de Cristo de nossas vidas diárias se nada temos a ocultar. Deixamo-lo fora de nossa vida somente

quando o que fazemos não pode ser abençoado por ele. Podemos ser completamente abertos ao seu advento quando o passado estiver curado. A confiança substitui uma consciência de culpa.

3. A entrega do futuro é a chave da liberdade do presente. O que temos planejado é uma extensão da justiça? Podemos estar certos com nosso Senhor e fazê-lo? É isso uma extensão da vontade dele? Se assim for, podemos deixar o desenvolvimento futuro de nossos planos com ele. Sem nos preocupar com o que será, seremos liberados para desfrutar tudo o que nos é disponível no presente momento.

É assim que estaremos presentes no presente. O que Deus está dizendo? Que deseja ele realizar? Que deseja ele nos dar? Estas são perguntas dos santos sensíveis.

Quando fazemos estas perguntas a Deus e permitimos que ele responda de hora em hora, nada é monótono e comum. A vida toda se torna uma sucessão de horas santas. Tudo, desde as tarefas diárias, às nossas orações, torna-se uma experiência excitante.

João identifica os últimos dias por causa das necessidades que a igreja enfrenta. Há aqui uma verdade magnífica e libertadora. Somos tentados a associar a época de bênçãos com êxito ou deleites. Se isso for verdade, retiramos Deus da maior parte de nossas horas. Nossa vida não é toda alegria e jogos. Todos nós encaramos horas cheias de ansiedade, dificuldades e dor. Devemos determinar se estas hão de ser exteriores da morte ou dores de parto. João as vê como sinal de nova esperança. Quando as coisas parecem pior, Deus sempre dá o que tem de melhor. Podemos estar plenamente presentes nas vicissitudes e também nas vitórias da vida. Deus está no controle. Ele usará tudo para sua glória, com o fito de nos levar para mais perto de si e uns dos outros.

Não posso lhe dizer quando será o final da história, mas posso lhe dizer quando pode começar uma nova vida para cada um de nós. Neste instante! É a última hora. Nossa melhor hora. A única que possuímos.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

6 Dia

| João 2.18-19

O Anticristo no Espelho

“Agora muitos anticristos têm surgido”

| João 2.18

A passagem bíblica pode ser como uma ilha. Temos de remar ao seu redor até sabermos onde aportar. Também pode ser como conhecer alguém. É preciso gastar muito tempo antes que a pessoa permita que seu ser interior seja conhecido e compreendido. 1 João 2.18 e 19 têm sido assim para mim. Eu achava que sabia o que significavam e o que eu queria fazer com essa passagem no contexto deste capítulo.

Meu primeiro pensamento foi fazer um estudo histórico do problema do anticristo na igreja primitiva. Teria sido uma questão comparativamente fácil de reunião de dados históricos e bíblicos sobre a luta da igreja com Satanás e a influência satânica. Mas a referência que João faz a muitos anticristos que haviam deixado a igreja tornou o meu estudo da passagem mais relacional do que conceitual.

Os anticristos a que João se refere eram pessoas que haviam feito parte da comunhão. Mais do que protagonistas sem nomes, eram pessoas a quem os leitores de João haviam conhecido e amado no Corpo de Cristo. De súbito, conscientizei-me de que a questão do anticristo era de uma profunda dor e separação para os cristãos. Simpatia profunda substituiu meu tratamento alheio e erudito. Hoje você e eu temos o mesmo problema de heresia da igreja primitiva.

João usa o termo anticristo pela primeira vez nesta carta no versículo 18. Emprega-o para designar os adversários de Cristo e da igreja. Sempre tenho identificado o anticristo com o próprio Satanás, com a influência satânica, ou com líderes notoriamente ímpios na história que foram arquiinimigos do evangelho. Quando personifico o anticristo, geralmente dou-lhe a feição de pessoas infames e possesas pelo diabo. Estudo mais profundo da passagem tem indicado que a palavra é também usada para representar pessoas que causam divisões e destruição, que têm o hábito da crítica e que difundem o veneno virulento do pensamento negativo. Antes de tomarmos posição, examinemos a derivação da palavra.

A palavra antichristos é uma combinação da preposição anti e da palavra christos. Anti pode significar oposição ou substituição. Seu uso no português atual com a implicação negativa de “*contra*” nos é familiar. A ideia de substituição nos dá discernimento novo à nossa compreensão do anticristo. Significa não somente alguém que é contra Cristo, mas também aquele que procura se colocar no lugar de Cristo. A igreja primitiva teve de lidar com oposição aberta e hostil, mas também com o ato de minar debilitador mediante à infiltração infecciosa. O último foi o mais perigoso.

Satanás é o anticristo original. Ele tem encontrado recrutas dispostos em todas as épocas e suas táticas geralmente são sutis, penetrantes e insidiosas. João se preocupa com os

discípulos de Satanás que perturbavam a igreja. Negavam que Jesus fosse o Cristo e que tivesse vivido na carne. Na melhor das hipóteses, Jesus não passava de uma das muitas emanções de Deus – não o unigênito Filho, nem o único caminho para o conhecimento de Deus. A negação da encarnação ab-rogava a cruz e a remissão. Portanto, a ressurreição e a esperança da vida eterna eram anuladas. Se Cristo não tivesse vivido na carne, não havia razão para se crer na sua presença viva e poder de ajudar os crentes nos problemas e perplexidades da vida diária.

A preocupação primária de João não era com os anticristos declarados e reconhecidos, líderes de movimentos heréticos contra a igreja. Esses poderiam ser tratados em disputa aberta. O que quebrava o coração do apóstolo eram os membros da igreja que tinham caído sob a influência satânica e negavam não apenas o fato, mas também a necessidade da encarnação. O alarme silente soava para os que ainda estavam na igreja e que seriam tentados pela doutrina falsa.

Isso nos faz indagar do perigo do anticristo hoje. Esta passagem nos força a ser incisivos em nossa análise contemporânea do perigo insidioso. Precisamos examinar os versículos 22 e 23, tendo-os por base de nosso julgamento: *“Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho, tem igualmente o Pai”*. O assunto aqui é a encarnação. Todo aquele que nega que Jesus é o Cristo é anticristo.

Hoje a heresia tem muitas formas sutis. Uns põem Jesus entre os grandes mestres, como Buda, Confúcio e Maomé. Outros sugerem que Jesus ensinou grandes princípios acerca de Deus, mas não foi o Deus encarnado. Ainda outros negam que a morte de Jesus na cruz foi uma expiação necessária de nossos pecados. É possível ensinarmos acerca de Cristo, pregarmos sua mensagem de amor e seguirmos sua vida exemplar sem crermos nele como nosso único Salvador e Senhor.

O maior problema, contudo, são os crentes que se tornam anticristos em suas substituições de Cristo. C. H. Dodd disse: *“Ser membro de uma igreja não é garantia de que a pessoa pertence a Cristo e não ao anticristo”*.

Unimo-nos às fileiras do anticristo sempre que preenchemos a necessidade de Cristo com qualquer dos substitutos modernos. A autojustificação possui muitas expressões. Racionalizamos nosso pecado e negamos nossa necessidade da cruz. Na realidade, somos nossos próprios salvadores. Deus deve nos aceitar por causa de nossa bondade, produtividade e fidelidade. A sexta-feira santa é um dia perturbador; se fôssemos as únicas pessoas a estar em Jerusalém naquele dia, esse dia não teria sido necessário.

Severo demais? Verifique nossos estilos de vida! Vivemos e trabalhamos como se pudéssemos depender apenas de nós mesmos. A oração é esporádica. Nossa segurança advém de nossas posições, popularidade ou posses. Mais gritante ainda é nossa estupidez a respeito de nossa fé nas conversações diárias. Como é que alguém haveria de saber em que cremos? Comunicamos a impressão de que o que temos e o que somos é resultado de nosso talento e esforço.

Outros dentre nós engrossam as fileiras dos anticristos tentando tomar o lugar de Cristo na vida das outras pessoas, muitas vezes com boas intenções. Chamamos a tal atitude de amor e interesse. As pessoas ficam dependentes de nós em vez de dependerem de Cristo. Nossos amados e amigos são incluídos na simbiose. Nossa necessidade de ser necessários nos leva a tentar ser a resposta para as necessidades das pessoas. Isolamos as pessoas da realidade de seu estado desesperador. Pais, esposos, conselheiros e líderes espirituais, todos encaram a possibilidade de ser substitutos de Cristo em vez de levar as pessoas a ele.

Mas a tentação maior é a de sermos anticristos em nosso pensar e atitudes negativos. O espírito de negativismo é infeccioso. Espalha-se de pessoa a pessoa. Em sua raiz, é falta de confiança no poder de Cristo. Nada é impossível para nosso Senhor. Os problemas são o prelúdio da intervenção dele. A igreja hoje precisa de gente que ouse crer que esta ainda é a era dos milagres. Cristo pode mudar gente difícil e transformar problemas perturbadores. Somos anticristos quando tudo o que vemos é o potencial humano em determinada situação. Crítica é a articulação do negativismo. Quando resistimos ao avanço venturoso com reserva e precaução, debilitamos o que Cristo está pronto para fazer e pode fazer.

Simão Pedro foi advertido por Cristo quando tentou persuadi-lo a não ir para a cruz. *“Para trás de mim, Satanás!”* foi a repreensão firme do Mestre. É possível que cada um de nós seja canal de influências negativas, mascarado de sanidade e segurança.

Você e eu podemos ser como Pedro. Podemos ficar na frente de Cristo e confundir outros a seu respeito. A prova é o que cremos que Cristo fez e pode fazer hoje. Vivemos em uma época que precisa desesperadamente da comunicação fundamental da suficiência absoluta de Cristo e de um modelo vívido do que ele pode realizar a fim de transformar a vida da pessoa e resolver os problemas que fazem frente à Igreja e à sociedade.

A pergunta é: quem controla nosso coração, Satanás ou Cristo? A parábola de Jesus da casa vazia nos diz que reforma não é suficiente. Precisamos de uma regeneração total acompanhada da plenitude de seu Espírito em nossos corações vazios. Então não haverá perigo da influência de Satanás em nós ou por meio de nós. Em vez de sermos anticristos, seremos parte do povo ungido e positivo do Senhor.

A unção do Espírito que deve encher nosso coração é o assunto do capítulo seguinte. O perigo chocante revelado no anticristo nos força a ele com urgência.

ORAÇÃO PARA O DIA:

“Bendito Senhor, enche-nos de ti mesmo. Sela-nos com teu Espírito. Toma posse completa de nossos corações. Usa-nos como agentes positivos de tua obra redentora nas pessoas, na igreja e em nossa sociedade. Mostra-nos as maneiras pelas quais negamos tua encarnação ou resistimos à tua intervenção atual nas pessoas ou problemas. Que sejamos os primeiros a crer que todas as coisas são possíveis por teu intermédio. Perdoa-nos todas as vezes que nos encontramos contra ti, ou substituímos alguma coisa ou alguém por ti - mais que tudo nós mesmos. Desejamos estar no teu caminho e não impedir a tua obra. Obrigado por nos fazer parte das legiões do Senhor em vez de emissários da influência satânica. Pertencemos a ti,

Senhor. Agora usa-nos para a tua glória! Mediante o Cristo vivo e o poder da encarnação. Amém”.

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?

7

Dia

I João 2.20-25

Crisma Vem Antes de Carisma

“E vós possuís unção que vem do Santo”

I João 2.20

Há alguns meses, Bruce Larson e eu tomamos um avião da companhia aérea Rio, indo de Waco, no Texas, a Dallas. Quando entrávamos no avião, notamos o slogan da companhia no lado da aeronave. *“Aerolinhas Rio - Seu Primeiro Passo Para Qualquer Lugar!”*.

Enorme pretensão. A pequena companhia aérea apresentava sua singularidade de um modo cativante. Um curto voo podia ser o primeiro passo para um aeroporto internacional de onde o mundo seria seu.

Durante o turbulento vôo nos ventos do Texas, conversamos a respeito do que seria, para nós, o primeiro passo para qualquer lugar. Isso me levou a pensar na grande necessidade da igreja. Qual era o primeiro passo para revitalizar os cristãos e reavivar a igreja?

Eu ainda tinha em mente o pensamento do primeiro passo para qualquer lugar quando meus estudos de 1 João me levaram à segurança espantosa do versículo 20 do capítulo 2: *“E vós possuís a unção que vem do Santo, e todos tendes conhecimento”*. Uma alternativa para a tradução da promessa seria: *“Vós conheceis tudo”*.

É isso! O primeiro passo do cristão para qualquer lugar é a unção do Espírito Santo. A palavra grega para unção é *chrisma*. A unção tinha um significado muito especial na história hebraica e uma grave distorção nas seitas de mistérios. João escreveu para seus amigos, a fim de reafirmar o primeiro e, por comparação, expor a segunda.

No antigo Israel, durante o Êxodo, o Senhor instruiu a Moisés que os sacerdotes deviam ser ungidos com óleo. *“Então tomarás o óleo da unção, e lho derramarás sobre a cabeça; assim o ungirás”* (Êxodo 29.7). Mais tarde, os reis foram ungidos. Samuel ungiu a Saul e a Davi. A respeito de Davi, disse o Senhor a Samuel: *“Eu te mostrarei o que há de fazer, e ungir-me-ás a quem eu te designar. Quando Samuel viu a Davi, o Senhor disse: Levanta-te, e unge-o, pois este é ele. Tomou Samuel o chifre do azeite, e o ungiu no meio de seus irmãos; daquele dia em diante o Espírito do Senhor se apossou de Davi”* (1 Samuel 16.3, 12 e 13).

Em um período posterior da história de Israel, os profetas também foram ungidos. Sua unção, como a dos reis, tinha o propósito de separá-los para uma tarefa e dar-lhes o poder especial de executá-la. Os reis deviam reinar e os profetas deviam trazer a mensagem de julgamento e esperança do Senhor. Isaías 61.1 está gravado em nossa memória: *“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu”*.

A unção do Espírito de Deus concede autoridade e poder para realizarmos uma tarefa humanamente impossível. O Senhor nos leva além de nossos talentos, treinamento e

habilidade a desafios e oportunidades que não poderiam ser alcançados sem seus dons, sabedoria e poder capacitador.

O Messias entrou na história na maré mais baixa da impotência humana. O Ungido em hebraico significa Messias. No grego a palavra é Christos. Jesus foi o Ungido de Deus e foi ungido de modo especial em seu batismo.

Note a relação que há entre Christos e chrisma. Agora nosso estudo se torna emocionante. O Ungido veio a fim de poder chamar um povo que fosse ungido com seu Espírito e fizesse o que ele fez. Nossa unção, como a dos reis e profetas de antigamente, visa nos separar para um ministério e, mediante Cristo, recebemos poder afim de vivermos muito acima do nível da capacidade humana.

João queria que seus amigos tivessem a certeza de que haviam sido ungidos de modo que pudessem combater os ensinamentos falsos e promessas vãs das seitas de mistérios, abundantes em Éfeso e no vale de Lico nessa época. Os líderes das seitas diziam que os ritos de iniciação davam à pessoa um contato e uma intimidade especiais com Deus. Deixavam de lado o fato de Cristo ser o unigênito Filho de Deus e diziam que podiam adentrar os portais interiores da presença de Deus e ganhar um conhecimento esotérico de Jesus. Tal coisa levava à exclusão e juízo orgulhoso.

João usa um pequeno jogo de palavras com unção cuja raiz está solidamente firmada no Messias. O Cristo era a única fonte de um chrisma verdadeiro. Os cristãos sabiam tudo o que podia ser revelado. Não precisavam estar inseguros nem perturbados com a heresia gnóstica nem com os cultistas separatistas. No versículo 27 ele lhes dá a confiança de que precisavam. *“A unção que dele [Cristo] recebestes permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém [nenhum dos líderes de seitas ou heresias] vos ensine.”*

Note a imensa diferença entre o ensino de João e o das seitas. As religiões de mistério pressionavam por meio dos portais procurando encontrar um relacionamento especial com Deus por meio de seus próprios mantras e poder. A unção cristã era o resultado da vinda de Cristo a eles e de permanecerem eles em Cristo.

A coisa importante para nós é que a unção é permanente – nós permanecendo em Cristo e Cristo permanecendo em nós. O primeiro nos torna recipientes da eficácia de sua morte e ressurreição como nossa salvação. O último nos dá o poder motivador e energizante a fim de vivermos a vida cristã. Eu não poderia viver em Los Angeles como homem de Deus sem estar em Cristo. Nem poderia fazer o que fui chamado para fazer sem que Cristo vivesse em mim. A palavra permanecer, que João repete muitas vezes, serve como nosso guia. Permanecemos em Cristo e Cristo permanece em nós. Paulo disse: *“E assim, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”* (2 Coríntios 5.17). A novidade é o próprio Cristo.

O apóstolo João e o apóstolo Paulo tinham o mesmo pensamento quanto à necessidade da unção para se viver o desafio da vida na Ásia romana. A esse respeito Paulo escreveu aos colossenses que habitavam a mesma área e passavam pela mesma perturbação das seitas de mistério: *“O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora,*

todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória” (Colossenses 1.26-27).

Hoje são-nos oferecidos dois aspectos da unção. Um deles nos separa, o outro nos faz mover. Quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador e tornamos pública a nossa decisão mediante o batismo, somos ungidos com o Espírito Santo. É o Espírito quem nos capacita a crer e então vem habitar em nós a fim de ajudar-nos a crescer em Cristo. Mas isso é apenas o começo. O segundo aspecto da unção é a grande necessidade entre os cristãos hoje. Quando ousamos ser fiéis e obedientes, recebemos uma unção especial para cada oportunidade que exige algo de nós. Ao encarar complexidades, recebemos sabedoria; confrontados com o desafio de amar as pessoas que não são amáveis, recebemos o dom do amor gracioso; ao ser pressionados a fim de levar outros ao futuro desconhecido, recebemos visão e direção. Toda possibilidade que surge em nossos caminhos leva-nos de volta ao Senhor para nova unção a fim de entrarmos no território inexplorado que outros não estão dispostos ou têm medo de explorar. João disse: *“Permaneça em vós o que ouvistes desde o princípio”*. Em outras palavras, nossa unção inicial deve ser reforçada pela unção nova cada dia, em todo desafio ou crise.

Estamos passando por uma época muito boa em nossa igreja em Hollywood, procurando viver mediante a unção. Algum tempo atrás nossos presbíteros fizeram um retiro de fim de semana a fim de examinar o que significava ser líderes ungidos e membros de uma Junta de Presbíteros ungida para liderar a igreja. Muitos deles tiveram de admitir que pensavam em sua liderança como sendo a melhor habilidade humana e experiência que podiam oferecer. Alguns consideravam a Junta como um corpo de homens e mulheres capazes, eleitos a fim de liderar por causa de realizações e reconhecimento prévios de serviço fiel e apoio financeiro à igreja.

Levamos muito tempo para estudar e absorver esta passagem. À medida que as horas passavam, ficamos todos comovidos pela gigantesca tarefa que se encontrava à nossa frente de ser uma igreja dinâmica no centro de uma grande cidade. Enfrentamos problemas de vizinhança que se modifica, alterações na população e a insaciável sede humana que só pode ser mitigada pela própria água da vida. Fomos chamados para captar potencial, não apenas resolver problemas. Ano após ano o Senhor nos envia centenas de pessoas. Precisam ser apresentadas a Cristo e depois necessitam de ajuda a fim de crescerem e serem introduzidas no ministério criativo.

Foi a oportunidade excitante do futuro que nos levou a perceber quanto necessitamos de unção. Reconhecemos, individualmente, que precisávamos da bênção especial do Senhor. Como grupo, aceitamos o fato de que não podíamos esperar da congregação mais do que estávamos dispostos a permitir que o Senhor nos desse. Isto levou a compromissos básicos. Abrimos nossa vida visando a receber a unção do Espírito Santo para o nosso ministério. Então, unanimemente, entregamos a vida de nossa Junta a fim de que fosse um grupo de líderes ungidos. Isso significava estar dispostos a orar pedindo direção, fazer planos tendo em mente os objetivos do Senhor e esperar com paciência os seus passos específicos de estratégia. É emocionante fazer parte de uma implosão que causa explosão de nova vida na igreja.

A dependência de nossa habilidade e talento é um vício. É difícil desfazer o hábito. Nossa primeira reação em uma crise é decidir um curso de ação na base de experiência prévia. Treinamento e experiência são instrumentos valiosos, mas, muitas vezes, o Senhor deseja levar-nos além da repetição de um nível prévio de crescimento. O progresso depende de vermos a visão do Senhor e permitirmos que ele defina os passos para alcançá-la. Ele dá a unção para tanto.

Anseio a unção para as responsabilidades que Deus me concedeu. Sei quando ela chega. Ao escrever, há vezes em que minha pena recebe asas e posso anotar pensamentos que transcendem meu treinamento e habilidade. Ao estudar uma passagem, em preparação para um sermão ou para escrever um artigo, de súbito as Escrituras outorgam seus segredos mais profundos. A unção é dada. Há vezes quando prego e o momento elétrico acontece. Todo o estudo e preparação do manuscrito não passa de preparo para a hora ungida quando palavras recebem vida e faz-se profunda comunicação entre as pessoas e o pregador. Com frequência recebo inspiração nova que é a palavra particular de Deus para alguém que ele levou à igreja a fim de receber essa flecha especial da verdade. As pessoas saem da igreja, dizendo: *“Como é que o senhor sabia que eu precisava dessa palavra?”*. Eu não sabia, mas o que unge sabia. No aconselhamento também tenho aprendido que enquanto ouço, muitas vezes, o Senhor concede um instante sagrado de inspiração que se constitui a chave liberadora que destranca o futuro da pessoa. Foi uma dádiva. A unção do Senhor tornou possível uma sabedoria que está além de meu discernimento.

Não devíamos ficar surpresos quando isto acontece. Jesus prometeu que podíamos esperar a unção nos transes difíceis da vida. Ele disse aos discípulos que receberiam poder sobrenatural para falar e agir em cada situação nova. *“Não vos preocupeis quanto ao modo por que respondereis, nem quanto às coisas que tiverdes de falar. Porque o Espírito Santo vos ensinará, naquela mesma hora, as coisas que deveis dizer”* (Lucas 12.11-12). É esta a fonte da verdadeira liberdade. Emana do permanecer em Cristo. Ele jamais é inadequado em qualquer situação em que nos encontrarmos. A unção para a pressão de hoje se encontra à distância de uma oração.

Tenho observado que os cristãos que recebem a unção experimentam algo que lhes dá certo calor e viabilidade. O Cristo que neles habita faz resplandecer o seu brilho. O espírito de defesa se vai; a dependência traz alegria. Possuem um encanto atraente e comunicativo.

É preciso que o chrisma preceda o charisma: a unção é o prelúdio para o recebimento dos dons da graça que precisamos em nossas responsabilidades e relacionamentos.

Outro dia uma senhora me perguntou: *“O senhor é carismático?”*. Minha resposta foi: *“Queira soletrar essa palavra, por favor!”*. Surpresa, ela soletrou *“C-a-r-i-s-m-á-t-i-c-o”*. A letra a extra faz a diferença. No grego, entretanto, a distinção é bem real. Charisma significa doado pela graça. A palavra vem de charismata, dom da graça; charis, graça; mata, dom.

Em 1 Coríntios 12.4, Paulo fala da diversidade dos dons, charismaton. A palavra charisma tem sua raiz nessa idéia. A pessoa carismática é a que recebeu os dons do Espírito Santo para o seu ministério. O Senhor deseja nos dar todos os dons apresentados em 1

Coríntios 12 e Romanos 12. Precisamos de sabedoria, conhecimento, fé, cura, milagres, profecia e discernimento e também do dom de línguas.

Deixe que o Senhor acrescente o a. Nosso dever é orar, buscar e estar abertos ao chrisma; o charisma resultante será a obra do Senhor. Charisma é imprevisível e emana de chrisma. Faz grande diferença o podermos esperar e alegremente receber a unção do Senhor nos embates da vida. O chrisma é o primeiro passo para qualquer lugar!

Aplicação

Comente a sua experiência com a devocional de hoje. O que Deus lhe falou e como isso pode ser aplicado em sua vida?